Deslizes do Sirácida?

INTRODUÇÃO

Toda situação nova ou mudança em qualquer nível da vida humana – pessoal, profissional, social, cultural ou religiosa – desestabiliza e gera insegurança. Daí nasce a crise. Ela pode ser vivida de forma desintegradora, como pode levar também a uma avaliação sadia dos valores do passado, integrar os valores novos do presente e criar algo novo. Este não se identifica totalmente com o passado e o presente, mas de ambos traz características que continuam dando um novo sentido à vida.

Esta é um pouco a situação que o autor do livro do Sirácida vive diante das mudanças culturais, sociais, religiosas do seu tempo com o advento do helenismo. A grande questão que ele se coloca é como ajudar os seus correligionários a se manterem fiéis às tradições dos antepassados e ao mesmo tempo se abrirem aos novos valores, sem perderem a sua identidade. Eis um grande desafio de ontem e de hoje. Como o livro do Sirácida enfrentou o grande desafio da novidade no seu tempo? Em que ele estaria projetando luzes hoje para a nossa reflexão e práxis cristã? São questões muito amplas. Vamos apenas começar a desenrolar o fio da meada e deixar que a reflexão caminhe livre e aberta. Talvez para melhor entender o pensamento do autor vamos conhecer um pouco sobre a origem do texto, o autor, o tradutor, o contexto histórico, resistências e abertura ao novo.

1. ORIGEM DO TEXTO

O livro do *Eclesiástico* leva também o nome de *Ben Sirah* e Jesus, filho de Sirac. Três nomes para o mesmo livro. A Vulgata o chama de *Eclesiástico*, livro da igreja ou assembléia, porque era muito usado pelas comunidades cristãs primitivas, em vista da formação dos catecúmenos[1]. No próprio livro (50,27; 51,30) o autor se

1. MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F.M., Siràcida, in *Dizionario Biblico,* Borla, Roma, 1987 p. 942-943; veja também o comentário de Ney BRASIL PEREIRA, *Sirácida ou Eclesiástico,* publicado na série "Comentário bíblico" pela Ed. Vozes e Ed. Sinodal, Petrópolis, 1992.

identifica como "Jesus, filho de Sirac" que deu origem aos nomes atuais de Sirácides ou Sirácida. Na língua hebraica ele recebe o nome de "Ben Sirah".

O livro do Sirácida, como o chamaremos, foi escrito em hebraico. Parte dos seus originais foram encontrados só em 1896 numa antiga Sinagoga do Cairo, parte em 1955 na 2ª Gruta de Qumrã e parte em 1964 no palácio da fortaleza de Herodes em Massada. Até então conhecia-se bem o texto traduzido para o grego.

2. AUTOR E TRADUTOR

Jesus, filho de Sirac, viveu em Jerusalém, no início do II séc. aC. Sabemos que ele escreveu o seu livro por volta do ano 180 aC em base à referência que ele faz ao Sumo Sacerdote Simeão II (50,1s), seu contemporâneo.

Pelas indicações do Livro, Jesus, filho de Sirac, era um homem importante, vivia em Jerusalém (50,27), talvez exercesse a função de embaixador (34,9), viajava muito (34,9-12; 51,13), desde cedo dedicou-se à sabedoria (51,13-22) e parece ter tido uma escola para a formação de sábios (51,23). Tudo indica que teve uma vida feliz e tranqüila vivendo com a esposa (36,21-27) e com filhos educando-os com firmeza para evitar aborrecimentos futuros (30,7-13). Mas será que para o judaísmo a importância e memória de Jesus, filho de Sirac, reside nisso? Também, mas sobretudo no fato de ele ter sido um homem fiel às Tradições e ao passado de seu povo. De espírito conciliador, tenta conservar o espírito religioso da nação judaica e torná-la atraente aos olhos dos estrangeiros.

O tradutor se identifica como neto do autor, segundo o Prólogo (v. 7) que ele mesmo compôs; este, porém, não faz parte do texto canônico. Ele chegou a Alexandria do Egito, no 38º ano do rei Evergetes II (v. 27-28), que corresponde ao ano 132 aC. Neste mesmo ano iniciou a tradução do livro do avô, Jesus, filho de Sirac. Ele também era uma pessoa de grande cultura e muito consciente de sua responsabilidade de tradutor. Não nega sua preocupação de ser fiel ao texto original e reconhece a dificuldade de traduzir expressões características de uma língua para outra (v. 19-23). Apresenta já neste tempo a divisão tripartida da Bíblia hebraica segundo a Lei, os Profetas e os Escritos (versículos 1.8.9.10.24.25).

3. O BERÇO HISTÓRICO DO LIVRO DO SIRÁCIDA

Como vimos, o livro do Sirácida foi escrito muito depois da dominação persa (538-333 aC); traz, porém, as marcas do judaísmo que se forjou nessa época. Nesse período, teve início a teocracia nacional baseada no poder dos sacerdotes, que se apoiavam na lei e no templo. Dentre estes destacava-se Esdras, não só com a função de sacerdote (Esd 7,11), mas sobretudo de escriba zeloso (Esd 7,6.10.21), que chegou a promulgar "a lei de Deus" como lei do estado (7,26). O Sirácida atribui a si a mesma função de um escriba (Sir 38,24) que não apenas medita a lei (Sir 39,1), mas a ensina como mestre da sabedoria. Ele herdou, ainda, do período persa certo ressentimento contra os samaritanos (Sir 50,25-26)[2] por causa do cisma religioso com Jerusalém, por volta do ano 350-300 aC.

2. MINISSALE, A. *Sirácida, as raízes na Tradição.* Ed. Paulinas, São Paulo, 1993.

A herança do período persa foi de consolidação das tradições judaicas. Não foi assim com a dominação grega que iniciou com Alexandre Magno por volta de 333 aC. A tradição e cultura grega se constituiu uma ameaça às tradições judaicas. Após a morte de Alexandre em 323, os Ptolomeus Lágidas ficaram com o Egito e a Palestina. Neste período começa a primeira grande infiltração da cultura helênica que atrai sobretudo as classes mais ricas.

A situação não é tranqüila. As mudanças se processam em diversos níveis: cultural, social, familiar, religioso. Isto exige do Sirácida uma reflexão séria para atualizar e tornar convincente o seu discurso. Até que ponto ele conseguiu dar respostas novas a situações e perguntas novas? Não foi uma tarefa fácil. Nem tudo o que é considerado valor numa cultura o é necessariamente para outra cultura. Como veremos mais adiante, o Sirácida sofre também este tipo de influência da cultura grega, nos seus escritos.

4. O QUE PRESERVAR OU INOVAR?

O autor tem consciência dos desafios que a cultura helênica oferecia, sobretudo, às tradições religiosas judaicas. Ele mesmo demonstra estar convicto das tradições que recebera de seus antepassados e incentiva os seus correligionários a não se desviarem delas e a "ter uma resposta pronta quando preciso" (8,9). O material usado por ele, de fato, é muito antigo, homogêneo e já conhecido em outros textos sapienciais como no livro dos Provérbios e Eclesiastes. É real a dificuldade de codificar em sua obra, numa seqüência progressiva, os temas que ele aborda. Traz um autêntico arsenal de provérbios, reflexões, meditações, conselhos, advertências e admoestações misturadas no decorrer de toda a obra[3].

Muitos temas e aspectos poderiam ser estudados a partir deste livro. O que nos interessa, porém, é como ele abordou os temas tradicionais da literatura sapiencial como a própria sabedoria, a lei, o temor de Deus e a história dos antepassados.

O tema da sabedoria é o critério inspirador de todo o livro. Traz muitos elementos comuns com os outros textos sapienciais, quando fala da origem da Sabedoria: "Toda a sabedoria vem do Senhor e com ele permanece para sempre... Princípio da sabedoria é o temor do Senhor; para os fiéis, ela foi dada desde o seio materno"[4].

Há um crescer na apresentação da sabedoria até chegar à sua personificação no cap. 24. O autor revela ter sofrido influências do helenismo, também na forma literária, da aretologia, muito comum na literatura grega onde as deusas e deuses faziam sua auto-apresentação ressaltando suas qualidades e prometendo ajuda à humanidade. Da mesma forma a sabedoria se proclama mediadora entre Deus e o mundo criado. Revela-se como projeto salvífico e criativo na esfera da transcendência e na esfera humana com a encarnação humana das virtudes que lhe são próprias bem como na ordem do cosmos.

Para o autor não há dúvidas que a sabedoria identifica-se com a Torá, com a revelação bíblica. Ele trata de legitimar e interpretar a lei, mas numa perspectiva

3. RAVASI, G. Siracide, in *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. Edizione Paoline, Torino, 1988, 1490-1496.

4. Sir 1,1.14; cf. Pr 2,26; 8,22-33; Jó 28; Br 3,9–4,4.

sapiencial. Em si mesma ela não é objeto de interesse especial e sim como um elemento na grande temática sapiencial. Aqui parece residir a originalidade do autor no confronto com os demais escritos sapienciais. Ele encontrou uma forma de relacionar o tema da lei, que é central no judaísmo, com o tema da sabedoria, forte na cultura grega. Por isso o autor faz questão de se apresentar como o escriba-sábio[5]. Esta será a característica do judaísmo helenista do II séc. aC[6].

Assim como a lei passa a ter uma interpretação sapiencial no livro do Sirácida, da mesma forma o temor de Deus (6,26.37). Em diversos momentos ele estabelece uma equivalência entre a Torá e o Temor de Deus ou entre a sabedoria e a Torá[7].

Há quem[8] interprete o elogio aos pais como a parte "estritamente sapiencial", porque o autor consegue unir as duas funções de sábio e escriba, antes distintas e agora numa simbiose perfeita. O sábio reflete sobre a experiência cotidiana e o escriba perscruta a história contida nas Sagradas Escrituras. É a sabedoria de Deus que se manifesta universalmente na criação e se revela na história de Israel registrada no livro da Lei[9]. O autor faz uma consideração sapiencial da história ressaltando de um lado o poder de Deus e de outro lado os méritos dos grandes heróis da história de Israel. Esta história maravilhosa culmina no Sumo Sacerdote Simeão II (219-196 aC), contemporâneo do Sirácida (51,1-21). Os augúrios do autor (50,22-24) são de que a história passada permaneça válida no presente, mesmo para aqueles que não tinham tido acesso até então os conteúdos da literatura canônica.

5. DESLIZES DO SIRÁCIDA?

É difícil passar pelo fogo e não se queimar. Assim aconteceu com o autor deste livro: apesar de ter sido um mestre na interpretação sapiencial da lei, do temor de Deus, da própria história do seu povo, não ficou isento de algumas queimaduras. O pensamento do autor moveu-se no âmbito do pensamento protocanônico e com enfoque original. Contudo, segundo Soggin[10], o autor assimilou dois elementos negativos do helenismo: o enfoque negativo sobre o *trabalho* e a *mulher*. Este enfoque por si só não teria impedido a aceitação do livro no cânon palestinense, mas o limite cronológico imposto a ele pela própria tradição judaica. Se não fosse isso, é provável que o Sirácida teria entrado no cânon palestinense pelo seu alto nível teológico e moral.

O ideal de vida que o Sirácida se propõe em 38,24–39,20 como escriba, dedicando-se em tempo pleno ao estudo sem preocupar-se com outro trabalho, reflete o pensamento da aristocracia grega, dada ao trabalho intelectual e ao menosprezo do trabalho manual. O que não acontecia na tradição judaica. Nela todo escriba devia trabalhar e exercer uma profissão, além de ocupar-se do estudo. O trabalho manual ou outro trabalho sempre foram honrados na cultura judaica[11], o que não acontecia na cultura helênica e em outras culturas circundantes.

5. Cf. Sir 38,24; 39,1.

6. MINISSALE, A. *Sirácida, as raízes na tradição.* EdiçõesPaulinas, São Paulo, 1993, 32.

7. Sir 1,16; 19,20; 21,11; 23,27.

8. MINISSALE, A. *Sirácida, as raízes na tradição.* Edições Paulinas, São Paulo, 1993, 41.

9. Sir 42,15–43,33.

10. SOGGIN, J.A. *Introduzione all'Antico Testamento.* Paideia, Brescia, 1987, 550.

11. Cf. Gn 2,19; 5,29; Sl 128,2.

O segundo elemento que teria condicionado a reflexão do Sirácida no confronto com o helenismo é sua visão sobre a mulher e sua função na família e sociedade de então. Existem muitos textos "antifeministas" na Bíblia. Eles retratam o pensamento judaico de então. Mas não se igualam aos do livro do Sirácida, a ponto de chegar a dizer que "a malícia do homem é melhor do que a bondade da mulher" (42,14). Ou seria mais uma forma preventiva e preservativa frente à abertura dada à mulher no helenismo?

Na cultura judaica, não há uniformidade no estatuto de vida da mulher do período patriarcal até os tempos pós-exílicos. No tempo da conquista grega, as concepções familiares típicas do judaísmo entram em colisão com a concepção grega. Talvez as reações severas de Paulo em relação à mulher, na cidade de Corinto[12], expliquem em grande parte o abismo que separa a concepção grega sobre a mulher daquela a que os judeus eram habituados, mesmo na diáspora.

De fato, choca sobretudo a sensibilidade feminina o modo como o Sirácida trata da mulher em geral, como sede de toda a maldade (42,14). Esta característica lhe é dada a partir de Gn 3 e é retomada pelo autor (25,24). Seria até compreensível que ele assim se expressasse em relação a uma determinada mulher (mãe, avó, tia, esposa, filha ou outra), com a qual tivesse vivido um relacionamento marcadamente negativo. Mesmo assim é difícil de admitir que a maldade se encontre apenas numa das partes envolvidas.

Muitos textos revelam uma forte misoginia e antifeminismo[13]. Ora acusam e condenam a mulher, ora levantam suspeitas e elogios interesseiros a ela. Como entender e justificar a atitude negativa e avessa desses textos bíblicos que precederam e seguiram esta concepção negativa da mulher?

Muitos estudiosos recentes[14] tentam explicar esta atitude negativa contra a mulher pela predominância de uma sociedade e cultura patriarcal. Este argumento não se sustenta no seu todo, pois com isso se justificaria uma forma de relação desumana, discriminatória e opressora em relação à mulher, fruto de um sistema familiar, social e cultural baseado no patriarcalismo. Será que esta forma de relação homem-mulher pode ser justificada pelo dado cultural de então? Como justificar ainda hoje tantas formas de discriminação da mulher? Sem dúvida, uma leitura fundamentalista da Bíblia durante séculos a fio justificou este tipo de relação tanto na Igreja quanto na sociedade. Até pouco tempo sua transmissão e interpretação era de domínio exclusivo do magistério da Igreja católica e dos pastores, com o domínio dos homens. Estes, apoiados sobre textos antifeministas e misóginos, só podiam ter contribuído para formar na mulher um sentimento de culpa por ter nascido mulher. Pois desde as primeiras páginas da Bíblia a mulher aparece como opositora de Deus, introduzindo o pecado e a morte no mundo (Gn 3). O pecado e a morte não são desejados e queridos por pessoas normais e por isso nem mesmo pela mulher. Daí a concepção interesseira e utilitarista da mulher como um mal necessário para excercer a função de procriadora.

É pena que alguns textos como o livro do Cântico dos Cânticos, Gn 1,27, Gl 3,28 e outros que apresentam o homem e a mulher na sua igual dignidade e

12. Cf. 1Cor 11,2-16.

13. Sir 9,1-9; 19,2-3; 22,3-5; 25,13–26,18; 36,21-25; 42,9-19 e outros.

14. STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro do Eclesiástico.* Paulus, S. Paulo, 1994, 49-57.

reciprocidade não sejam priorizados em nossa catequese, na liturgia e nas celebrações religiosas dos casamentos.

CONCLUSÃO

O livro do Sirácida abre muitas frentes de reflexão que não foram abordadas neste texto, como por exemplo a ética familiar e social. Neste trabalho nos detivemos a considerar o avanço dado pelo autor. Sua tentativa de apresentar conteúdos antigos da sua tradição para a nova cultura que se impunha. O Sirácida conseguiu sem dúvida passar aos seus conterrâneos uma nova concepção da lei e do temor de Deus. Ele fez uma releitura da história de seus antepassados na ótica sapiencial, integrou valores de ambas as culturas. A concepção negativa do trabalho e da mulher parecem de fato se acentuar no contexto específico do confronto com a cultura helênica.

O Sirácida lança um desafio para nós cristãos hoje: Como passar a mensagem cristã que pretende ser universalmente válida para todos os seres humanos e todos os tempos, frente às mutações culturais e civilizacionais que indicam uma nova consciência e uma nova era para o planeta Terra? O que o cristianismo tem a dizer frente às mutações tecnológicas e ao neoliberalismo, que geram uma exclusão crescente da participação humana no processo de produção? Como evangelizar numa sociedade tão heterogênea, onde a linguagem deve adaptar-se ao público da pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade? Sem dúvida, este é um desafio exigente e constante à nossa missão evangelizadora. Pois exige uma permanente atualização da linguagem que usamos para comunicar a fé.

Romi Auth
Serviço de Animação Bíblica
Rua Januária, 552, Floresta
31110-060 B. Horizonte - MG